

NOS@EUROPE

O Desafio da Recuperação Económica e Financeira

Prova de Texto

Flávio com F de Folha

Colégio Liceal de Santa Maria de Lamas

Carina Machado

Denise Sousa

Mário Pereira

Rui Grade

Dezembro de 2011

1 A carta que gostaria de enviar a Angela Merkel

É simples: a crise chegou à nossa família.

Eu não sei ao certo o que levou a que as coisas ficassem assim. Uns dizem que a culpa é dos bancos que ganham a vida a destruir os pobres, outros reclamam que a culpa é do governo e a D^a Maria da mercearia, já com os seus magníficos 72 anos, ainda insiste que a culpa é do homem ter ido à lua. Talvez se ela dissesse que a culpa era do homem estar com a cabeça na lua, eu dar-lhe-ia razão. Pois bem, a culpa não é do estado, nem dos imigrantes que roubaram os nossos empregos, ou dos bancos que destroem as famílias, a culpa é das pessoas que adotaram uma atitude excessivamente consumista.

No outro dia fui passear ao parque e acabei por me sentar perto do lago. Estavam duas raparigas novas a fazer exercício por lá, até que uma disse à outra algo que me pareceu tão insensato, mas que eu sei, infelizmente, que é a realidade: “Eu estou bem, não preciso de carro novo ou de uma televisão maior para a sala, desde que a da minha vizinha seja mais pequena que a minha.”

Mas estes passeios agora tornaram-se tão raros... A paz e o sossego cá de casa deram lugar a um vaivém de contas e prestações para pagar, as despesas aumentam e os salários são os mesmos, ou até nenhuns, porque o desemprego também já veio morar aqui para casa. Mas não foi o único. Veio o desemprego, a falta de tempo para estar em família, as sardinhas e atum enlatados e também vieram algumas doenças que acabam por ficar mal tratadas e esquecidas. Veio isto tudo, sem ninguém os ter convidado, não vos parece indelicado? Nem o Sr. José faz isso e acreditem que ele é o homem mais descarado que eu conheço!

Bom, mas eu não estou aqui para vos falar dele. Estou aqui porque isto realmente me preocupa, e bastante. Já perdi a conta dos meses, mas julgo que

já lá vão muitos desde a última vez que fui ao médico. Não é que a ideia de lá ir me agrade de todo, mas estar aqui sem saber se realmente estou bem, não é o melhor. Cá em casa a comida cada vez é menos, os caprichos deixaram de ter qualquer importância: compra-se o necessário, e nada mais.

Por esta altura, no ano passado, já andava eu à volta da árvore de natal a ver as prendas aumentar, de dia para dia. Este ano, nem tempo e vontade tiveram para fazê-la, já para não falar nas prendas que devem ser muito poucas, ou até mesmo nenhuma.

Eu já avisei todos cá em casa o que vou pedir no natal: um mealheiro! Não é assim tão caro e vai-me ajudar a conseguir controlar melhor as minhas poupanças. Talvez se a minha família tivesse poupado em vez de irmos de férias todos os anos, agora não teríamos de dormir com a preocupação de estarmos ali, naquela casa, pela última vez. É verdade que, tal como a minha família, muitas outras se encontram endividadas. Temos a prestação do carro, da casa, do móvel da sala, do computador e até dos candeeiros novos da cozinha. O facilitismo com que se podia recorrer ao crédito foi um convite irrecusável que a sociedade enfrentou.

As pessoas agora sentem-se revoltadas, passam dificuldades mas no fundo só estão a colher aquilo que semearam. Eu tenho esperança que esta crise mostre às famílias que a poupança é, sem dúvida, realmente importante.

Mas no meio de tanta desgraça, acho que ainda consigo encontrar algumas vantagens.

Por causa da crise, todos cá em casa estão mais magros e elegantes, e nem foi preciso gastar um único cêntimo em ginásios ou passar horas a correr na avenida. Outra vantagem, se é que assim lhe posso chamar, é que agora dá-se mais valor àquilo que se tem. Antigamente, o que eu queria, era só pedir. Mas agora as coisas são diferentes, muito diferentes. Receber um presente sabe realmente bem.



**NOS@
EUROPE**

Desafio da Recuperação
Económica e Financeira



COMISSÃO EUROPEIA
Representação em Portugal



CIEJD*
DGAE/MNE



universidade
de aveiro

Eu preferia ter de aprender a dar valor às coisas de outra forma que não esta. Ter de ver a minha família a trocar tempos livres por horas extra, noites bem dormidas por discussões sobre dinheiro e prestações, passeios na praia por correrias à caixa do correio na esperança que não chegue mais contas é realmente frustrante, principalmente quando me sinto incapaz de poder ajudar. Mas afinal o que é que eu posso realmente fazer? Alertar de ladrões? Ir buscar o jornal ou dar a patinha? Alertar que estava avistar ladrões até podia ser útil, mas quem não trocaria um cão velho e cansado por um alarme?

O meu nome é Snoopy, tenho oito anos, o que significa que já não viverei por muito mais tempo. Talvez nem me devia estar a preocupar com isto, mas não é por mim que me preocupo, preocupo-me sim pelos meus filhos que vão ficar cá quando eu partir.

Sei que pode parecer estranho estar a escrever esta carta, mas quero que entenda que nem para nós, cães, as coisas estão fáceis. E eu não tenho a quem recorrer, senão a si. Despeço-me, assim, pedindo que tente resolver esta terrível crise e que não deixe que as crianças paguem pelos erros que os seus pais cometeram no passado.

2 Referências

Apresentação “Quais as causas e consequências da crise? Qual o estado deste “novelo”?”, disponível no site <http://nos-at-europe.ua.pt>

3 Declaração de compromisso de honra

Os membros da equipa Flávio com F de Folha declaram que este é um trabalho original e inédito, desenvolvido por eles com o fim de participarem na Prova de Texto do Concurso NOS@EUROPE.